



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Curso de Sociologia

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos para a Obtenção do
Grau de Licenciatura em Sociologia pela UEM.

Título: Significados da Inserção Profissional para os Jovens

Supervisor: Dr. João Carlos Colaço

Discente: Rosta Carlos Nhampalela

Maputo, Junho de 2017

Folha de Rosto

Título: Significados da Inserção Profissional para os Jovens

Por

(Rosta Carlos Nhampalela)

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras e Ciências Sociais na Universidade Eduardo Mondlane, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Sociologia.

O Júri

Supervisor: Dr. João Carlos Colaço _____

Presidente: Dr. Ivo Cumbana _____

Oponente: Dr. Neto Sequeira _____

Maputo, 01 de Junho de 2017

Declaração de Honra

Eu, Rosta Carlos Nhampalela, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim do curso nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau e, que este constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Maputo, Junho de 2017

A autora

(Rosta Carlos Nhampalela)

Dedicatória

Dedico este trabalho, em primeiro a mim e minha gêmea Helena Carlos Nhampalela, e aos meus pais Carlos Lopes Nhampalela e Laura Samuel. Em segundo, ao meu marido e amigo Valério da Rosa Taulane, pelo apoio, amor e dedicação, pelos ensinamentos que fizeram de mim o que hoje sou, e por fim, aos meus tios (Cândido e Júlia Nhampalela), que perderam a vida ao longo da minha formação. Paz as suas almas!

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço ao meu supervisor Dr. João Carlos Colaço, que para além do seu incansável apoio e atenção, soube ajudar-me a pensar e a construir uma visão sociológica, desde a concepção do projecto à elaboração do relatório final, as suas análises, críticas fizeram-me crescer em termos de uma compreensão analítica. Com isto, pretendo afirmar que aprendi muito com os seus ensinamentos.

Em segundo, aos meus pais, Carlos e Laura por cuidarem de mim com amor e carinho, aos meus irmãos: Noémia, Inocência, Helena e Samuel, juntamente com os meus primos Carlos e Cláudia, por terem-me ajudado financeiramente e moralmente. Estendo o meu agradecimento aos meus amigos Emilda, Lilian e Yohana, por chorarem comigo nos momentos difíceis e, por confiar em mim sempre.

Em terceiro, a todos colegas da turma de Sociologia de 2012, particularmente a Helena Manhiça, Délcia Nhanchengo e Bendiz Albano, pelas discussões construtivas que me ajudaram a crescer cientificamente e, pela parceria incondicional que me concederam. Um agradecimento especial vai à família Taulane, principalmente ao Valério e Castelo, pela paciência e observação que sempre fizeram no meu trabalho e, aos jovens que tornaram possível a materialização deste trabalho, por terem colaborado efectivamente na recolha dos dados.

E, finalmente a todos professores do departamento, particularmente aos que me deram aulas, pela paciência e empenho incansável nessa jornada. Sem me esquecer de Deus por me conceder a saúde.

O meu Kanimambo!

Resumo

O presente estudo discutiu os “Significados da Inserção Profissional para os Jovens”, bem como as percepções do modo como os jovens qualificados da “classe baixa” constroem e interpretam a sua inserção profissional. O mesmo teve como objectivo compreender, numa perspectiva sociológica, a inserção profissional, procurando identificar os significados da inserção no mercado, captar as expectativas em torno desta, como um processo que ocorre na vivência dos jovens nesta fase de vida, em que procuram ingressar no mercado de trabalho.

Em termos metodológicos, o estudo optou pela abordagem qualitativa, onde teve como universo os jovens residentes no bairro Infulene “D”, onde os dados obtidos foram mediante a entrevista semi-estruturada, para depois aplicar-se o método hipotético dedutivo. Este estudo, analisou o problema do ponto de vista da combinação da teoria de interpretação de Pais (1993), e da teoria de campos sociais de Bourdieu (1989). Os principais conceitos definidos e articulados com a realidade estudada foram: qualificação e inserção profissional.

O estudo concluiu, considerando por um lado que os jovens constroem e interpretam a inserção profissional baseados na situação de precariedade que vivem e se sentem. E, por outro lado mostrando que a qualificação profissional não tem uma relação linear com a inserção no mercado de trabalho.

Palavras-Chave: *Inserção Profissional, Juventude*

Abstract

The present study discussed the "Meanings of the Professional Insert for the Youths", as well as the perceptions in the way qualified young comooos of the "class low" constrõem and they interpret his/her professional insert. The same had as objetivo to understand, in a sociological perspective, the professional insert, trying to identify the meanings of the insert in the market, to capture the expectations around this, as a process that happens in the youths' existence in this life phase, in that you/they try to enter in the job market.

In methodological terms, the study opted for the qualitative approach, where he/she had as universe the resident youths in the neighborhood Infulene "D", where the obtained data were by the semi-structured interview, for later to apply the deductive hypothetical method. It is a study that he/she analyzed the problem of the point of view of the combination of the theory of interpretation of Pais (1993) and social fields of Bourdieu (1989). The main defined and articulate concepts with the studied reality are qualification and professional insert.

The study ended, considering on one side that the youths constrõem and they interpret the professional insert based in the precarieade situation that you/they live and they sit down. And, on the other hand side showing that the professional qualification doesn't have a lineal relationship with the insert in the job market.

Word-key: Professional insert, Youth

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I. Significados da Inserção Profissional para os Jovens Qualificados	3
1.1 Breve historial	3
1.2 Revisão da literatura	4
1.3 Formulação do problema	13
1.6 Objetivos.....	15
Capitulo II. Quadro Teórico e Conceptual.....	16
2.1 Apresentação das teorias escolhidas	16
2.4 Conceptualização	21
Capitulo III. Metodologia.....	24
3.1 Etapas da Pesquisa.....	24
3.2 Método de Abordagem.....	24
3.3 Método de procedimento.....	25
3.4 Técnicas de recolha de dados.....	25
3.5 Questões Éticas	26
3.6 Limitações do Trabalho	26
Capítulo IV. Apresentação e Discussão dos Resultados.....	28
4.3 Significados da Inserção Profissional	29
4.4 Representações Sociais da Mobilidade	32
4.5 Expectativas Sociais	34
Considerações Finais.....	37
ReferênciasBibliográficas.....	39
Anexos.....	42

Introdução

O Conselho de Ministros, pela resolução nº 04/96 aprovou a Política da Juventude cujo objectivo principal consistiria em fazer da juventude a faixa mais participativa da sociedade no processo da construção da nação moçambicana. Segundo esta política pretende-se potenciar a capacidade do atendimento às questões da juventude por parte do Estado e da Sociedade em geral, assim como elevar a participação dos jovens no desenvolvimento económico, social, cultural e desportivo.

Este trabalho teve como objectivo a compreensão do modo como os jovens qualificados da classe baixa constroem a sua inserção profissional. Não obstante procuramos identificar elementos sociais que contribuem para a produção e reprodução de atitudes, relacionadas ao envolvimento de jovens em formações de carácter profissional.

No nosso trabalho, usamos o conceito de classe apresentada por Edward Thompson, que define classe como um fenómeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como da consciência, ressaltando que é um fenómeno histórico. Não vejo a classe como uma 'estrutura', nem mesmo como uma 'categoria', mas como algo que ocorre efectivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. Assim, a classe não é em Thompson uma estrutura mas um processo, melhor dizendo, um conjunto articulado de práticas colectivas que perpassam os domínios económico, político e ideológico-cultural, (Thompson, 1991: 8).

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida pelas relações de produção em que os homens nasceram ou entraram involuntariamente.

Ao nos referirmos as trajectórias individuais aplicaremos a noção de Bourdieu, que entende que estas não são nem completamente aleatórias, nem necessariamente pré-determináveis. O efeito de trajectória manifesta-se quando um conjunto de indivíduos ocupando uma posição social parecida na origem, são separados no curso do tempo por diferenças associadas à evolução do volume e da estrutura do seu capital (Bourdieu, 1979: 124). Estas trajectórias individuais, são resultantes de dois efeitos principais a saber: (1) o efeito de inculcação directamente exercido pela família ou pelas condições

de existência originais, e (2) pelo efeito de trajectória social propriamente dito, quer dizer, o efeito que exerce sobre as disposições e sobre as opiniões a experiência da ascensão social ou do declínio (idem). Falamos portanto, por outras palavras, de efeitos de origem ou efeitos de trajectória, podendo estes últimos circunscrever trajectórias colectivas e/ou individuais. O que se faz e o que se pensa enquanto actor social num dado espaço social, é função destes dois efeitos combinados.

Assim, nosso estudo foi organizado em quatro capítulos, para além de incluir a presente introdução, a conclusão, a bibliografia e os anexos. No I Capítulo, apresentamos o breve historial sobre a emergência do mercado de trabalho no universo juvenil, posteriormente fizemos a revisão de literatura relevante e sua justificativa, e por fim trouxemos os objectivos, junto com as hipóteses.

No II Capítulo, apresentamos a fundamentação teórica básica referenciadora do trabalho, definindo o quadro conceitual. No Capítulo III, trouxemos a abordagem metodológica, onde estão incluídos os procedimentos e as técnicas usadas no trabalho com os jovens qualificados da classe baixa. E por fim no IV Capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa, relacionando-os com as teorias escolhidas.

Capítulo I. Significados da Inserção Profissional para os Jovens Qualificados

1.1 Breve historial

O trabalho masculino historicamente sempre garantiu o sustento familiar. Mas devido a situação da crise económica e social, que se vive actualmente no mundo de forma geral e, de forma específica em Moçambique, que conduz ao aumento do desemprego por um lado, e conduz por outro lado, a que o trabalho não seja por si só capaz de garantir um orçamento fixo e suficiente para a família, contribuindo deste modo para que toda a família se oferecesse ao mercado do trabalho, (quer seja formal, ou informal), tornando cada vez mais visível a necessidade do envolvimento de jovens em actividades de carácter financeiro.

As transformações no mundo do trabalho representam alterações no universo juvenil, que atravessam a sua relação com a família, a escola e a própria esfera do trabalho alterando significativamente os processos de transição da escola ao trabalho e, para a vida adulta mesmo quando consideradas as especificidades sociais, culturais e económicas das diversas sociedades. Autores como Sposito (2003) e Pais (2005), alertam que a compreensão da actual condição juvenil passa pela análise da nova relação que os jovens estabelecem com a esfera do trabalho, tornando-se importante captar os múltiplos sentidos que ela assume no universo juvenil sob a óptica da diversidade dos sujeitos.

Assim sendo, o ingresso no mundo do trabalho, ainda que pela precariedade, reveste-se de aspectos positivos ligados à autonomia, ao prazer e às realizações básicas que o consumo quotidiano banal pode proporcionar, por exemplo uma lâmina de barbear, um refrigerante, um sapato novo, etc. A possibilidade de ter o próprio dinheiro no bolso, ainda que pouco permite aos jovens preservar tanto o sentimento de igualdade nas interações com os pares, pagar uma rodada aos amigos, como a dignidade aos olhos das gerações mais velhas, (Sposito, 2003).

1.2 Revisão da literatura

Para a realização de um trabalho de pesquisa, é imprescindível proceder-se a uma revisão da literatura pertinente ao assunto que se pretende estudar de modo a aprofundar o conhecimento sobre a temática, bem como apreender os procedimentos teórico metodológicos mais adequados ao fenómeno a ser pesquisado. O nosso assunto de pesquisa tem a ver com a busca da compreensão da inserção profissional no mercado de trabalho dos jovens qualificados da classe baixa.

Nesta ordem de ideias, a literatura que julgamos pertinente está orientada para três abordagens fundamentais, nomeadamente: i) as abordagens teóricas usadas na análise da inserção profissional no mercado de trabalho; ii) artigos que abordam sobre a situação do emprego em Moçambique; e iii) trabalhos sociológicos que analisam os percursos juvenis na transição da escola para o mercado de trabalho.

Teorias sobre Inserção Profissional no Mercado de Trabalho

No tocante as teorias de inserção profissional no mercado de trabalho, daremos ênfase ao estudo de Alves, Mariana Gaio “A inserção profissional de diplomados do ensino superior numa perspectiva educativa”. Por entendermos que este contém uma abordagem multidimensional. Na visão da autora, para se reflectir em torno da problemática da inserção profissional recorre-se a contributos de várias disciplinas (Sociologia, Economia e Gestão de Recursos Humanos) e também de várias teorias centradas quer em aspectos educacionais, quer na análise do mercado de trabalho ou ainda na articulação entre educação e trabalho/emprego, (Alves, 2003: 138).

De acordo com Mariana Gaio Alves (2003), até um passado recente, as relações entre educação e/ ou formação e trabalho ou emprego, não tinham suscitado grande interesse por parte dos estudiosos daí que a sua teorização data apenas do período pós segunda guerra mundial, momento em que esta questão assume uma visibilidade social e científica crescente. Segundo a autora, foi durante a última metade do século XX, que mudanças profundas se verificam no contexto social demandando sobretudo dos jovens, a tomada de decisões sobre os seus percursos escolares e profissionais, originando-se um debate social sobre a passagem do espaço escolar para o espaço profissional. As referidas mudanças, tiveram como móbil principal, a expansão assinalável do ensino superior, das tendências de mudança do mundo económico e profissional, do aumento

do trabalho assalariado, da complexificação de carreiras e percursos profissionais entre outros factores, (Alves, 2003: 138).

Uma das referências incontornáveis na teorização da análise da questão da inserção profissional segundo Alves (2003), é a teoria do capital humano, a qual fundamenta-se na ideia de que a educação é um investimento e não simplesmente um bem de consumo. O principal pressuposto da Teoria do Capital Humano é o de que as pessoas com um elevado nível de instrução são mais produtivas e recebem um salário mais elevado, o que significa que os diplomados de ensino superior receberiam salários mais elevados do que os diplomados de outros níveis de ensino, devido ao facto de garantirem uma produtividade mais elevada, (Alves, 2003: 142).

Assim sendo, a teoria do capital humano, enfatiza que a formação é um investimento que os indivíduos fazem no sentido de posteriormente virem a ter o retorno através da ocupação de postos bem remunerados no mercado de trabalho, pois entendia-se que quanto maior for o nível educacional, maior seria a produtividade. Entedia-se também que o diploma do ensino superior garantia automaticamente o acesso ao emprego.

Outra abordagem teórica aplicada na análise da inserção profissional segundo a autora comporta um conjunto de teorias denominadas “Teorias sobre Mercado de Trabalho”, as quais no seu conjunto comungam a ideia de que para o entendimento da inserção profissional e para a delimitação conceptual das relações entre educação e trabalho ou emprego devemos tomar em consideração uma multiplicidade de factores, não apenas económicos mas também sociais e culturais que interferem no funcionamento do mercado de trabalho. Estas abordagens segundo a autora, constituíram um esforço no entendimento de que a inserção profissional não poderia ser analisada somente olhando para questões meramente económicas, como preconizava a teoria do capital humano.

De acordo com Alves, foram também usadas na análise da inserção profissional, as abordagens teóricas das relações entre ensino superior e trabalho, as quais consistem na tentativa de analisar articuladamente educação e trabalho/emprego (Alves, 2003: 164). Esta tentativa de análise articulada sugerida pelas abordagens teóricas das relações entre ensino superior e o trabalho, sugere que a inserção profissional é um processo complexo e multidimensional, englobando em si múltiplos aspectos de análise, nomeadamente:

i) Que a análise dos processos de inserção profissional deverá ter em conta outros acontecimentos contemporâneos na biografia do sujeito; ii) que a análise dos processos de inserção profissional deverá ter em consideração as modalidades de gestão de mão-de-obra postas em prática pelas instituições empregadoras, bem como as políticas estatais no domínio do emprego e formação; iii) que a análise dos processos de inserção profissional deverá introduzir elementos subjectivos relacionados com o significado pessoal do trabalho/emprego para o indivíduo que o desempenha; iv) que a análise dos processos de inserção profissional deverá ter em atenção que, para além da obtenção de um emprego está em jogo ao longo desse período a construção e concretização de um projecto de vida, de uma identidade social e profissional assim como a socialização num dado espaço socioprofissional, (Alves, 2003: 181).

Situação do Emprego em Moçambique

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística em coordenação com o Ministério do Trabalho, Emprego e Segurança Social sobre o Mercado de Trabalho, realizado em 2014, existem 28 758 jovens desempregados inscritos no país, entre os quais 22 466 são Homens, e 6 293 são Mulheres. Nestes dados a província de Maputo, inscreveu um universo de 6 237 desempregados, onde 4 673 são Homens, e 1 564 são mulheres. É possível notar que os dados não refletem a realidade concreta do país no seu todo, e especificamente da província de Maputo, uma vez que com o acesso ao sector formal cada vez mais difícil, o informal continua a ser a única alternativa para a sobrevivência de muitas famílias com níveis acentuados de pobreza, desemprego e com alto nível de percepção de exclusão social e económica.

Segundo o relatório da conferência dedicada ao tema “Diálogo Nacional Sobre o Emprego em Moçambique” realizada em Maputo, em 2014, coorganizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), Banco Mundial e o Governo, tendo sido o primeiro evento de alto nível sobre emprego em Moçambique, marcando deste modo o início de um exercício de diálogo sério e abrangente para enfrentar os desafios do emprego no país, facto que mostra a actualidade do assunto. Em que objectivou-se desenvolver um conjunto de recomendações fundamentadas com base na situação económica e social do País, e elaborar um roteiro com acções assentes na criação de emprego em quantidade e qualidade que satisfaça as aspirações da sociedade moçambicana no geral e, dos jovens dos estratos baixos em particular.

Na conferência, foi dito que o governo criou nos primeiros seis meses do mesmo ano, cerca de 160 mil postos de emprego, mas dado o crescimento de jovens que atingem anualmente a maioridade, os números anunciados, parecem invisíveis para quem anda pelas ruas das cidades moçambicanas no geral e, especificamente em Maputo. Facto que não reflecte a realidade, daí que a organização das nações unidas (ONU), afirmou que Moçambique ainda continua a depender do apoio externo nas diversas áreas, incluindo no próprio orçamento governamental, o que reflecte a sua extrema dependência em relação a ajuda internacional.

De acordo com a pesquisa realizada no ano 2013 pela Organização dos Trabalhadores de Moçambique (OTM), o maior movimento sindical do país, o índice de desemprego é alto em Moçambique e atinge principalmente os jovens das camadas baixas que pretendem ingressar no mercado de trabalho pela primeira vez. Intitulada “Dinâmica Actual do Mercado de Trabalho e Desafios do Movimento Sindical em Moçambique”, o relatório indica ainda que o acesso ao emprego formal é cada vez mais difícil, sobretudo para os jovens, que são a maioria da força de trabalho activa no país.

De acordo com o relatório, o acesso ao emprego não é apenas dificultado pelas exigências do mercado, mas também pela falta de transparência no processo de absorção da força de trabalho. Outro factor tem a ver com contratos precários, que rapidamente retornam as pessoas à situação de desempregados. Pesa para o efeito a pouca disponibilidade de emprego, fraca qualificação, falta de transparência no processo de absorção da força de trabalho (contactos via familiares ou amigos como forma de aceder ao mercado de trabalho tende a generalizar-se), precariedade dos contratos e a falta de uma política de emprego consentânea”, indica o estudo.

A Transição Escola -Trabalho nas Camadas Juvenis

Na pesquisa intitulada “A Transição escola- trabalho em Cabo Verde: os sentidos da qualificação para os jovens de baixa renda”, Maria de Andrade (2010), constatou que o acesso ao sector formal permanece cada vez mais difícil, daí que o informal continua a ser a única alternativa para a sobrevivência de muitas famílias com níveis acentuados de pobreza, desemprego e com alto nível de percepção de exclusão social e económica. Os dados da pesquisa apontam uma produção de subjetividade marcada pela confrontação dos ideais éticos, pró-trabalho assalariado e o contexto social de desemprego. Os jovens entrevistados na pesquisa buscavam a inserção social por motivos de ordem moral e

financeira. Compreendem que atingirão sua adultez quando forem capazes de sustentar-se financeiramente e sofrem diante do contexto social de desemprego que dificulta a inserção no mundo do trabalho e a assunção de novos papéis sociais.

No entender de Andrade, o contexto de desemprego é tão presente que, para responder à objetivação social e/ou familiar, o jovem está a pronto de aceitar “qualquer coisa”. Com o transcorrer das entrevistas, despertavam a atenção expressões do tipo: “qualquer coisa”, “alguma coisa”, que apontavam uma certa ausência de possibilidade de escolha. Por exemplo, diante do questionamento de que tipo de emprego e/ou trabalho ou remuneração estavam pretendendo, ouviu-se: “Agora, para mim, qualquer coisa”. No caso dos jovens pesquisados a autora afirmou que a dominação do modo capitalista de pensar se mostra tão efectiva que mina os processos de resistência, levando os jovens a uma espécie de renúncia de si mesmos, em nome do ideal de inserção no sistema formal de trabalho, nesse processo é claro que o sofrimento se faz presente,

Os dados apontaram ainda o prevalecimento da moral escrava e, em conseqüência, de tipos ressentidos. “O tipo ressentido é aquele no qual ocorre uma inibição ou bloqueio na capacidade de descarga de energias e afetos em direção ao exterior”. O tipo escravo tem dificuldade na elaboração ativa dos estímulos externos, o que o leva a processos de ressentimento. Seu modo de descarga de afecto e de alívio da dor é a intensificação de uma outra espécie de sofrimento psíquico: o auto- martírio da consciência de culpa (Giacóia, 2001: 83). São os processos de auto- culpabilidade que evidenciam as relações com a moral gregária. Os jovens acham que não fizeram cursos suficientes, que não se qualificaram, que não estudaram em locais adequados, que não atingem individualmente as exigências do mercado. Porém, por vezes, percebem, numa posição mais crítica, que, mesmo quando procuram fazer as coisas certas, cumprindo as normas do mercado, ainda assim não são contratados. Ressentem-se com o sistema, um sistema que não os auxilia na inserção, amarram-se pela negatividade. Como aponta Giacóia:

“...o ressentimento é um processo reativo, que pressupõe a vivência de sofrimento e a necessidade de desembaraçar-se dela por meio de uma descarga súbita de um afeto vigoroso, como meio de narcotização da consciência. O entorpecimento é o elemento positivo e principal; a busca de um culpado e a própria descarga são efeitos secundários, reação à experiência de sofrimento” (2001: 84).

Como constatou Andrade, os sujeitos de sua pesquisa ora sentiam raiva, ora desânimo, vontade do nada, ora culpa. É no interjogo da moral escrava que vão ouestão se

constituindo. Em um texto de Brusotti, temos a seguinte afirmação: “A crueldade deve, de algum modo, descarregar-se: por falta de algo melhor, para o interior, contra o próprio sujeito. A vontade deve, necessariamente, querer algo, por falta de algo melhor, o nada” (Andrade, 2000: 6).

Numa teorização foucaultiana, poderíamos inferir que os processos de subjetivação contemporâneos estão marcados por uma preponderância das forças de objetivação ou escravidão, que se efetivam pela restrição das possibilidades de escolha. A restrição das possibilidades de escolha afecta a liberdade, que por sua vez, afecta os processos éticos, pois, ao afirmarmos que a ética é a prática reflexiva da liberdade e que esta última é marcada por possibilidades, a construção do leque de escolhas leva a um empobrecimento dos processos reflexivos. Então, a crítica que se faz quotidianamente aos jovens, dizendo que eles não pensam, não criticam o mundo, responsabiliza-os por algo que de facto é uma construção social, (Foucault, 1985).

Nas palavras de (Sposito 2004: 76), a difícil e insidiosa questão é: *quando uma sociedade em determinado momento de sua história social e cultural, considera que alguém é adulto?* Várias seriam as hipóteses de respostas a esta questão: recorrendo a abordagens ancoradas em uma visão de passagem cronológica e linearmente homogeneizadas, ou inversamente em perspectivas cujo respaldo teórico acena as múltiplas transições ou modos de entrada na vida adulta, conjugados em diferentes tempos e formas implicando a “reversibilidade” e a “individualização das trajectórias biográficas.

Alguns autores reconhecem que não obstante essas dimensões permanecerem importantes, actualmente a transição ocorre de forma cada vez mais imprecisa e engloba novos elementos de duração variável, tornando fugidia a ideia de percursos previsíveis. Sposito (2003, 2005), observou que os caminhos e contornos para entrada na vida adulta se diversificam tornando-se mais complexos e menos lineares. As novas formas de vivenciar os processos de transição revelam algumas modulações e várias combinações de estatutos intermediários: o abandono da casa dos pais não coincide com a independência económica, o casamento e os filhos deixaram de ser sinonimo de casa própria ou independência em relação aos pais, a experiência do trabalho pode ocorrer concomitantemente com a escola:

De facto a transição tradicional para a vida adulta, abandono da família de origem, casamento, obtenção de emprego, são manifestamente reversíveis. As posições estudante/não estudante, activo/inactivo, celibatário/casado encontram-se ultrapassadas por uma multiplicidade de estatutos intermediários e reversíveis, mais ou menos transitórios e precários, (Pais,2005: 61).

Nesta perspectiva, a reversibilidade, heterogeneidade e descontinuidade passariam a caracterizar os percursos de transição cujas estruturas sociais onde ocorrem são de natureza cada vez mais “labirínticas”. Os novos caminhos de transição passariam a ser percorridos em um autêntico vaivém de múltiplos movimentos oscilatórios e reversíveis, que Pais denominou como trajectórias “ioio”.

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas e modeladas em função dos indivíduos e seus desejos, os jovens sentem sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem de casa dos pais para qualquer dia voltarem; abandonam os estudos para retomarem tempos passados, encontram um emprego e em qualquer momento se veem sem ele [...]...são estes movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do ioio ajuda a expressar, É importante frisar que a ênfase atribuída aos desejos individuais e delineamento dos percursos de transição não significa subestimar o peso que as estruturas sociais, económicas e culturais impõem na construção dos percursos juvenis e desenho dos seus projectos de vida, (Pais, 2005:58).

É preciso pois, considerar a diversidade dos sujeitos em função, por exemplo do género, da classe e do contexto rural ou urbano no quadro dos recursos e oportunidades disponíveis. Ao recuar a atenção do aspecto multidimensional que a transição para a vida adulta abarca, fixando olhar particularmente sobre a transição escola- trabalho, que dela faz parte, ressalta-se que a escolaridade deixou de ser garantia de entrada no mundo do trabalho, especialmente para os jovens de camadas populares, como aponta, (Sposito, 2003). Ao investir os recursos individuais e familiares nos estudos os jovens depositam confiança na escola, em relação ao projecto futuro, mas as relações são mais difíceis e tensas com o tempo presente, (Sposito, 2005: 124). Assim, parece haver um distanciamento entre os mapas de orientação que os jovens carregam nos bolsos do pensamento, (Pais, 2005: 67) e as oportunidades efectivas que lhes são abertas nos caminhos da transição, ou seja, as condições objectivas condicionam os processos de transição e, em certa medida, estão distantes das aspirações subjectivas.

Paradoxalmente, para os jovens dos estratos populares, após fortes investimentos individuais e familiares para concluir o ensino secundário, este pode se configurar uma etapa de suspensão na carreira escolar, ainda que temporária, devidas as dificuldades financeiras para ingressar no ensino universitário. Por outro lado, o diploma de ensino secundário tem oferecido aos jovens uma escassa garantia na busca de trabalho, quando não completada pelo menos com um diploma de qualificação profissional.

É precisamente neste ponto que a dissociação entre as condições estruturais e as aspirações subjectivas se tornam mais evidentes, revelando o sistema de provas ao qual os jovens estão submetidos, Martuccelli (2007). A tensão que atravessa o percurso desses jovens reside na confiança depositada na escola como uma chave que abre as portas para o emprego e os dilemas que vivenciam perante as barreiras impostas pelo mercado de trabalho, apesar de possuírem a formação secundária completa.

Mas, é preciso sublinhar que para uma boa parte dos jovens, o ingresso no mundo do trabalho ocorre concomitante ao percurso escolar. Por vezes a própria relação do jovem com a escola (permanência e/ou retorno) depende da renda que o trabalho lhe confere. Portanto, o trabalho e a escola revelam duas dimensões estruturantes do universo juvenil, operando de forma inseparável em alguns momentos. Essa observação mostra suficientemente a importância de algum cuidado ao transpor o conceito de transição escola - trabalho para a sociedade moçambicana, onde uma parcela juvenil vivencia precocemente a experiência do trabalho. Trata-se de uma observação que demarca a realidade dos países em vias de desenvolvimento em relação aos países europeus, onde os jovens se beneficiam de políticas sociais consolidadas e a inserção no trabalho torna-se uma questão somente no final do percurso escolar, (Guimarães, 2005).

Tomando a França como o exemplo, afirma Guimarães que nos chamados “30 anos gloriosos” a passagem da escola para o trabalho era efectuada de forma quase imediata para a maioria dos jovens. No sistema de ensino em vigor prevalecia a classificação das qualificações em estreita correspondência com os degraus escolares. O sistema produtivo estava conectado com o sistema de ensino, e tornava relativamente fácil a “transição pré- programada,” para o mercado de trabalho. No bojo das mutações no mundo do trabalho emerge a situação de “transição aleatória”, em um contexto cuja equiparação entre trabalho e emprego remunerado é rompido, o modelo de trabalhador permanente, contratado a tempo integral cai por terra, desaparecem os contratos de

longa duração que casava o trabalhador a um mesmo empregador por toda a vida, multiplicam-se as formas alternativas de relações de trabalho. O ingresso precoce dos jovens no mundo do trabalho, a concomitância escola e trabalho e os mecanismos de proteção recente, compõem evidências que entre outras, nos informam sobre algumas semelhanças das experiências dos jovens moçambicanos, brasileiros e cabo verdianos pertencente a estratos populares, como revelam os estudos de, Odete (2010); e Sposito (2003, 2005), de Cabo verde e Brasil, respectivamente.

O ingresso no mundo do trabalho ainda que pela precariedade reveste-se de aspectos positivos ligados à autonomia, ao prazer e às realizações básicas que o consumo quotidiano (aparentemente) banal pode proporcionar, por exemplo uma lâmina de barbear, um refrigerante, um sapato novo, etc. A possibilidade de ter o próprio dinheiro no bolso, ainda que pouco permite aos jovens preservar tanto sentimento de igualdade nas interações com os pares, pagar uma rodada aos amigos, como a dignidade aos olhos das gerações mais velhas, (Sposito, 2003: 93). O trabalho para esses jovens possibilita a construção de uma auto-identificação positiva trabalhador honesto, digno, em contraposição à imagem de vagabundo. Para uma grande parcela dos jovens, o trabalho é constitutivo do próprio universo juvenil, estando ligado aos sonhos imediatos, como por exemplo divertir-se com os amigos, ter quarto bonito, comprar o que gosta, pagar os estudos e, os projectos futuros que englobam a felicidade familiar, ter casa própria, (Corrochano, 2001).

Enquanto, os jovens da classe média e alta dispõem de uma retaguarda familiar, cujos recursos materiais lhes permitem melhorar o perfil para disputa no mercado de trabalho e esperar por um emprego bom, os jovens pobres lutam e duas frentes: perseguem um emprego, mas aceitam a precariedade, pois sem um trabalho certo parece difícil, consideram que ter um trabalho incerto é melhor que ficar sem fazer nada. É que esses jovens sentem a necessidade de lutar pela vida, ou melhor iniciar seus percursos individuais na esfera pública e privada recorrendo a trabalhos precários, cuja linguagem comum se refere a expressões como biscates (em Moçambique) e bico (no Brasil).

Entretanto o trabalho precário, provisório, intercalado com momentos de desemprego não garante a independência dos jovens em relação aos pais, dando origem a “trajectorias yoyo”, (Pais, 2005). As combinações de experiências reversíveis nos seus percursos, escola e coabitação, parentalidade e desemprego, escola e trabalho, tornam-se

possíveis em certa medida porque esses jovens contam com o apoio da família que permite combinar estatuto de autonomia com o de dependência económica. Antes reunidas, autonomia e independência pela conquista do trabalho hoje se apresentam dissociadas, pois aos jovens se reconhece cada vez mais a possibilidade de autonomia em contexto de dependência económica que pode se prolongar indefinidamente, tendo em vista as transformações do mundo do trabalho e a crise da sociedade assalariada, (Sposito, 2004: 76).

1.3 Formulação do problema

De acordo com Roberto Richardson (1989), a determinação e a delimitação de um problema de pesquisa, procede-se fundamentalmente de duas formas, a primeira das quais, baseada na crença do investigador, segundo a qual ele possuía algum conhecimento do tema escolhido a partir da experiência, quer adquirida em outras pesquisas, quer em leituras ou de outras fontes de conhecimento. Enquanto a segunda, baseia-se na imersão do pesquisador no seio da população que pretende analisar e juntamente com os seus elementos, tentar levantar o problema a ser estudado. Neste trabalho, o problema de pesquisa incidiu na primeira categoria, na medida em que, partindo de várias leituras, adquirimos conhecimentos substanciais sobre a temática e encontramos-nos em condições de formular um problema de pesquisa.

Ao efectuamos a revisão de literatura apercebemo-nos da pertinência de reflexões sociológicas em torno dos percursos da juventude na transição escola- mercado de trabalho. Com efeito, encontramos um número considerável de estudos voltados para a temática feitos em vários países com desta que para Cabo verde, Portugal e Brasil, mas o mesmo não podemos dizer do nosso país, onde estudos de género ainda são muito escassos. Ainda assim, constatamos que Moçambique tal como em muitos outros países em vias desenvolvimento a relação educação e/ou ensino e o mercado tem- se tornado cada vez mais complexa. Dai que a posse de um diploma não é per si garante de um lugar no mercado de trabalho, tornando-se assim, pertinente, realizar-se estudos que permitam analisar esta complexa e dinâmica relação entre a formação e a oportunidade de inserção no mercado de trabalho.

Baseando-nos na literatura, percebemos que apesar da expansão da rede escolar, e por conseguinte dos níveis de qualificação, o processo de independência dos jovens

qualificados da classe baixa em relação à família torna-se cada vez mais lento e complexo, devido às dificuldades de inserção no mundo do trabalho que obstam os percursos (presente) e projectos individuais (futuro), como construir uma carreira profissional, satisfazer as necessidades básicas e de lazer. Assim sendo, levantamos a seguinte questão de partida: **como é que os jovens qualificados da classe baixa, vivenciam e interpretam a sua inserção profissional?**

1.4 Hipóteses:

H1: Os jovens qualificados da classe baixa vivenciam, interpretam a sua inserção profissional baseados na situação de precariedade.

H2: As trajectórias individuais, exercem uma influência na forma como os jovens qualificados da classe baixa vivenciam e interpretam a sua inserção profissional.

Variáveis

H1: Variável independente: Jovens qualificados da classe baixa.

H2: Variável independente: trajectórias individuais.

Variável dependente: interpretação da inserção profissional para ambas hipóteses.

1.5 Justificativa

No nosso entender, são ainda escassos os estudos empíricos sobre a empregabilidade dos jovens qualificados da classe baixa ou popular em Moçambique. Presumimos que, o facto do ensino da sociologia ter sido introduzido muito recentemente (finais da década 90), e leccionada inicialmente em apenas uma universidade (Eduardo Mondlane), e só mais tarde em outras instituições de ensino superior, pode justificar a escassez de estudos sobre temas inerentes a inserção profissional dos jovens qualificados da classe baixa. Sem deixar de lado o facto de ter sido somente em 2014, que decorreu a primeira conferência nacional sobre a empregabilidade dos jovens das classes baixas no país, o que justifica que a problemática sobre a empregabilidade juvenil tenha passado a ser prioritária na agenda governamental recentemente.

Da revisão de literatura que precedeu a realização do presente trabalho, apercebemo-nos da relevância social e sociológica do tema. No que tange a relevância social, o trabalho pode permitir olhar para a inserção profissional dos jovens qualificados da classe baixa ou popular como um dos factores de promoção de mobilidade social, a possibilidade de ascensão social ou ainda, por outras palavras, a possibilidade de passar de uma classe social a outra.

Também acreditamos que uma reflexão sobre a empregabilidade dos jovens qualificados da classe baixa ou popular, irá contribuir no campo sociológica, visto que nas sociedades modernas ter um emprego é importante para se preservar o respeito a si próprio, mesmo quando as condições de trabalho são reactivamente desagradáveis e as tarefas a realizar monótonas, o trabalho tende a ser um elemento estruturante na constituição psicológica dos indivíduos e no ciclo das suas actividades diárias. Para os jovens em particular, a autoestima está frequentemente ligada à contribuição económica que dão para as despesas domésticas. Nesta ordem de ideias o trabalho é habitualmente valorizado pelo sentido de identidade social estável que oferece, assim sendo acreditamos nós que a inserção profissional dos jovens qualificados da classe baixa ou popular pode aumentar a sua confiança no seu valor social.

1.6 Objetivos

Geral:

- ✓ Compreender o modo como os jovens qualificados da classe baixa, vivenciam e interpretam a sua inserção profissional.

Específicos:

- ✓ Identificar junto dos jovens qualificados da classe baixa os significados da inserção profissional, como um processo que ocorre na vivência dessa fase de vida, em que buscam ingressar no mercado de trabalho.
- ✓ Captar as representações socialmente construídas pelos jovens qualificados da classe baixa em torno da mobilidade social.
- ✓ Analisar as expectativas que os jovens qualificados da classe baixa têm face a sua inserção profissional.

Capítulo II. Quadro Teórico e Conceptual

2.1 Apresentação das teorias escolhidas

Um estudo sociológico sobre um dado fenómeno impõe-nos o uso de teoria (s) que sirva (m) de recurso para melhor interpretação e explicação dos factos estudados. A escolha de uma abordagem teórica porém, não se procede de modo arbitrário, pois, há aspectos relacionados com o objecto de estudo e o assunto a ser investigado a tomar em conta para se considerar uma ou outra abordagem como sendo adequada a cada estudo.

A exploração feita através da revisão da literatura tinha em vista não somente o aprofundamento do conhecimento sobre estudos e teorias em volta do assunto de pesquisa, como também visou ajudar-nos a identificar as abordagens que melhor se enquadraram ao estudo da inserção profissional.

O nosso trabalho de pesquisa enquadra-se na abordagem estruturalista, onde fizemos uma triangulação teórica, com enfoque na teoria interpretativa de José Machado Pais (1993), e a teoria de campos sociais de Bourdieu (1989), por entendermos que são complementares, uma vez que ambas buscam compreender como funciona a lógica da relação entre as transformações sociais, tanto no âmbito socioeconómico, no político, individual e familiar, colocando os jovens no centro desses processos.

Teoria interpretativa

Pais (1993), “escolheu o estudo da vida quotidiana da juventude” como base analítica, o autor sentiu a necessidade de colocar em evidência o uso do tempo pelos jovens, relacionando com o ordenamento social, em que revela que a partir daí será possível compreender a realidade dos jovens, a partir “do uso que fazem do seu tempo, das suas experiências e vivências”, possibilitando também o surgimento de formas específicas de sociabilidades. O autor revela que mesmo com todo o aparato teórico as vezes é preciso experienciar o quotidiano juvenil e também dar voz a ele, para que certos símbolos, linguagens, relações de sociabilidade sejam entendidas de facto e não de forma arbitrária.

Segundo Pais (1993), há necessidade de romper com o facto de analisar a juventude sobre o âmbito de um grupo unitário ou homogéneo. É preciso segundo o autor analisar

não somente as similaridades desse grupo, mas também suas diferenças, tendo em conta que o facto de os indivíduos compartilharem certos sentimentos em comum, não significa dizer que todos sejam iguais, tenham as mesmas trajetórias, as mesmas experiências, inclusive sobre a própria noção de juventude, em oposição ao postulado pelas correntes teóricas da sociologia da juventude, nomeadamente: a corrente geracional e classista. Onde a corrente geracional, entendeu como juventude todos os indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, englobando-os num todo homogéneo. Esta teoria vê a juventude sob o ponto de vista etário, ou seja, a juventude é concebida como fazendo parte das fases da vida. Enfatiza-se dessa maneira os aspectos unitários da juventude, esta corrente crê que em uma sociedade existe uma diversidade de culturas desenvolvidas com um conjunto de valores dominantes. A questão essencial dessa corrente são as continuidades e descontinuidades dos valores, e relações intergeracionais que são discutidas tanto do ponto de vista das teorias da socialização, quanto da teoria das gerações. Uma das críticas que se faz a essa corrente é justamente a sua tendência de tratar a juventude de forma homogénea, dentro de uma faixa etária determinada, não representado de forma adequada, o grupo a partir dos seus próprios entendimentos.

Enquanto, a corrente geracional via a questão da reprodução social a partir das análises das relações, e conteúdos das relações intergeracionais, a corrente classicista enxerga essa reprodução social a partir da perspectiva de classes sociais. Pela forma de pensar a juventude através do foco nas classes sociais, e análise do processo de transição para a vida adulta, sobre a ideia de desigualdades sociais é que a corrente classista se mostra crítica aos conceitos de juventude pautados na ideia de fases da vida. Com isto a corrente classista entende a juventude como um conjunto social diversificado através da origem social.

Porém, o autor, revela que os processos sociais vividos pelos jovens, não podem ser captados somente a partir da perspectiva do antagonismo de classe social, mas também a partir das relações sociais das trajetórias individuais, das experiências de vida que eles carregam e que fazem com que o transito para a vida adulta que parecia ser algo já preestabelecido, possa ser modificado. o autor, considera que não devemos ficar reféns de uma única teoria, e que para dar conta dos “paradoxos da juventude” deve conseguir-se articular as duas perspectivas. Desse modo propõe libertarmo-nos de ter de encaixar factos empíricos em teorias preestabelecidas.

Assim sendo, a partir da análise do cotidiano e do curso de vida da juventude, das suas experiências, suas trajetórias, similaridades e diversidades, Pais mostrou que as culturas juvenis se mostram muito mais complexas do que se pode imaginar. Podendo conter no interior delas, tanto os aspectos etários, classistas e geracionais, constituindo-se um verdadeiro paradoxo, dessa forma o uso insulado, seja da teoria geracionista ou da classista, não seria capaz de dar conta da complexidade da análise sobre a temática da juventude, podendo gerar certos reducionismos sobre o tema. Dessa maneira, o autor justifica optar por articular as duas correntes, assim como os métodos e técnicas das outras ciências (no caso a antropologia e história), na tentativa de compreender a juventude de uma forma mais dinâmica, flexível, real e concreta, colocando os jovens no epicentro desse processo.

Sendo assim, acreditamos que a teoria nos possibilitou a compreensão do modo como os jovens qualificados da classe baixa vivenciam e interpretam a sua inserção profissional no mercado de trabalho, assumindo que mesmo que os jovens pertençam a mesma geração e/ou classe social o que de alguma forma os tornasemelhantes, estas experiências, vivências e trajetórias individuais diferentes que lhes possibilitam reinterpretar a mesma realidade social.

Teoria de campos sociais

Segundo Bourdieu (1989), um campo social é sinónimo de espaço simbólico, espaço de lutas, um local teórico de diferenças objectivas e subjectivas. Isto quer dizer que elas só existem umas em relação as outras, e não de forma absoluta. A posição se define por dois capitais fundamentais que são o económico e o cultural, embora existam outros na sua teoria. Assim conseguimos encontrar correspondências entre a posse desses capitais e as práticas efectivas, gestos, consumos (decisões) dos indivíduos. São os habitus que intermedeiam a relação entre uma posição e uma acção social. Por habitus, entende-se a forma de disposição a determinada prática de grupo, classe, ou, seja a interiorização de estruturas objectivas das suas condições de classe ou de grupo social que gera estratégias, respostas ou proposições objectivas ou subjectivas para a resolução de problemas resultantes da reprodução social.

Analisando a educação, o autor afirmou que esta sempre foi vista pelos iluministas como uma instância de transformação e equalização social, estando ligada a princípios democráticos. Os iluministas sempre acreditaram que por meio da educação o homem

como construtor da cultura deveria ser capaz de discernir, avaliar e agir com autoconsciência para modificar sua própria vida e da existência social como um todo. Acreditavam também que a educação formaria o cidadão consciente e participativo, pois o indivíduo activo seria o fundamento da sociedade democrática.

Essa visão democrática da educação foi desconstruída pelo autor, quem mostrou, que a mesmanão é um mecanismo de equalização e mobilidade social, ao contrário, é um mecanismo de conservação e reprodução das desigualdades sociais. Para Bourdieu (1989), a cultura transmitida pela escola seria uma cultura de classe. Ela não estaria fundamentada em nenhuma razão objetiva universal. A organização das disciplinas, os conteúdos, a organização do sistema escolar surgem como produto das relações de força, de uma determinada classe social. Do mesmo modo, os valores, preceitos, atitudes, comportamentos e conhecimentos apreendidos na escola são por definição arbitrários. Sendo assim, a cultura escolar seria uma forma de violência simbólica, e, mais explicitamente, uma forma de dominação simbólica. Isto é, a escola é reprodutora dos valores, do imaginário e das condições sociais dominantes do sistema cultural. Nisto ela seria o principal meio pela qual o sistema de domínio social se constitui, se mantém e se perpetua. Por isso o grande objetivo da ação pedagógica é inculcar um “habitus de classe”.

Assim sendo, o título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser percebido que é garantido como um direito. É um capital simbólico institucionalizado, legal (e não apenas legítimo). Por esta razão, os agentes buscam, cada vez mais, títulos para maximizar ganho simbólico e mudar de posição na hierarquia social, uma vez que a ocupação determina a posição do agente no espaço social. Espaço este que surge como uma luta simbólica, em que os agentes buscam, cada um por si, construir uma reputação. Eles buscam acumular capital simbólico para que adquiram carisma, prestígio e reconhecimento por seus méritos e qualidades especiais. A busca de títulos, bens culturais e ocupações no espaço social se fundamenta numa vontade de distinção social.

Para Bourdieu (1989), o título é em si mesmo uma instituição, assim como a língua. É uma marca distintiva legitimada pelo Estado e reconhecida socialmente. É por meio dos títulos que os agentes são percebidos, reconhecidos, respeitados e adquirem credibilidade. Pertencer a uma classe favorecida, estudar em uma grande escola, fazer um curso no exterior, falar línguas ou produzir artigos científicos são formas de agregar

valor a si mesmo, obtendo capital simbólico para adquirir algum recurso, poder ou vantagem no mercado de trabalho. Ao receber valor pela ocupação ou pelo título profissional que possui, em um mundo hierarquizado pelas distintas formas de capital, isso contribui para a identidade social do agente e determina sua posição no grupo ou classe social ao qual pertence. O campo do trabalho, enquanto relações objetivas entre posições em disputa, é o lugar e o espaço de uma luta concorrencial. O que está em jogo, é o capital simbólico e o capital econômico, que não somente propiciam prestígio, poder e bens materiais, mas propiciam acima de tudo uma posição na estrutura social, o que seria no caso concreto dos jovens da classe baixa ou popular uma mobilidade vertical. Por esta razão é um campo de grande luta simbólica.

Para ele, as melhores posições na estrutura social dependem das qualificações dos indivíduos, com efeito a boa qualificação tornou-se monopólio das classes dominantes. A educação, ao privilegiar os mais dotados de capital cultural e econômico, beneficia os jovens das classes sociais mais favorecidas. São esses jovens que serão mais bem qualificadas e ocuparão as posições mais importantes no mercado de trabalho. Ao contrário, os jovens das classes populares, por não possuírem o capital político, social e econômico, fracassam mais facilmente no percurso escolar, pois possuem mais dificuldades de dominarem os códigos que a escola valoriza. Desse modo a educação reproduz as desigualdades sociais e colabora para a manutenção das estruturas sociais.

Nessa senda, o autor constatou que o sistema de ensino que partiria do princípio, de que todos competiriam em condições iguais, e aqueles que se destacassem por seus dons individuais ou por seus esforços, por uma questão de justiça, seriam promovidos na vida escolar e, posteriormente, na vida profissional. Contudo, a formação escolar determina quais serão aqueles que ocuparão as melhores posições na estrutura social. Contudo, ela encobre o fato de que essas posições já estão determinadas a priori, serão ocupadas por aqueles provenientes das famílias mais privilegiadas (altas), com um nível maior de capital econômico e capital cultural. Ela encobre esse facto pela ideologia do dom e do esforço individual.

Deste modo, entendemos que esta teoria nos ajudou a compreender até que ponto o sistema de educação que preconiza pressupostos de igualitarismo social, contém no seu interior elementos de diferenciação dos indivíduos e /ou grupos sociais, o que pode

contribuir positivamente ou negativamente na inserção profissional dos jovens da classe baixa.

2.4 Conceptualização

Sendo que o nosso assunto de pesquisa tem a ver com o modo como os jovens qualificados da classe baixa ou popular percebem e interpretam a sua inserção profissional no mercado de trabalho, os conceitos-chaves a serem considerados no estudo são: i) Qualificação; e, ii) Inserção Profissional.

Qualificação

Apresentado por Kober (2011: 36), em que a qualificação dos trabalhadores se dá por meio da articulação entre a sua subjetividade e o modo como ela é intrinsecamente vinculada às relações sociais, ao conjunto dos trabalhadores e ao modo de reprodução do capital. Nisto a qualificação se remete às operações realizadas para classificar e hierarquizar os indivíduos e os empregos em matéria de conhecimentos exigidos, de salários e de prestígio.

No entender de Deluiz apud Friedemann (1990), tanto a qualificação do trabalho (conteúdo do trabalho e a complexidade da tarefa), quanto a qualificação do trabalhador (possede saberes e tempo de formação), estão associadas ao progresso técnico, às mudanças técnico-organizacionais e às demandas de qualificação. Nisto a qualificação assume uma perspectiva estreita da adequação e readequação entre o progresso técnico e as mudanças no conteúdo do trabalho e no processo do trabalho. Este conceito acaba por reduzir as qualificações do posto de trabalho a uma lista de tarefas e a qualificação do trabalhador a uma lista de atributos pessoais.

E por último Pierre Naville (2011), concebe qualificação não apenas do prisma da técnica e do conteúdo do trabalho, mas como um processo e um produto social que decorre, por um lado da relação e das negociações tensas entre o capital e trabalho, e por outro lado de factores socioculturais que influenciam o julgamento e a classificação que a sociedade faz sobre os indivíduos. Esta perspectiva considera a qualificação do ponto de vista funcionalista, onde o sujeito é um mero resultado da relação de forças entre o capital e o trabalho.

No trabalho escolhemos o conceito de Kober (2011), que considera a qualificação como sendo a articulação entre a sua subjetividade e o modo como ela é intrinsecamente vinculada às relações sociais, ao conjunto dos trabalhadores e ao modo de reprodução do capital. Esta noção de qualificação permite ver que as competências formadas pela escola, mas não só por ela, só se tornam qualificação quando são reconhecidas socialmente. A qualificação assim concebida é, pois, muito mais ampla do que a escolaridade e a competência, torna-se uma construção e/ou relação social.

Inserção Profissional

Outro conceito que julgamos de capital importância a sua discussão é o de Inserção Profissional. Definido por Alves (2005: 189), a inserção profissional é uma construção social, no sentido de que está inserido numa dada conjuntura histórica, económica, profissional educativa e, depende de um determinado tipo institucional de articulação entre o sistema educativo e o mundo do trabalho, o qual poderá variar de uma sociedade para outra.

Para Vences e Bel (2001: 33), a inserção profissional, na sua multidimensionalidade, resulta de uma interação entre: **i)** o contexto académico, pelo papel que as suas orientações, valores e práticas/estratégias, podem ter no modo como os diplomados se enquadram; **ii)** o empregador, pela dinâmica, necessidades e lógicas na gestão dos recursos que potenciam as oportunidades de emprego; e **iii)** os diplomados, considerando os seus percursos e dinâmicas pessoais e sociais que contribuem para a construção de um projecto de identidade profissional.

E por fim, segundo Mariana Gaio Alves (2003), define a inserção profissional como sendo um processo de construção pessoal e social, quer no sentido em que conduz à realização do projecto de vida do indivíduo, quer de modo a clarificar a sua dupla dimensão, estrutural e individual (Alves, 2003: 31).

No trabalho consideramos o conceito de Alves (2005: 189), em que a inserção profissional é uma construção social, no sentido de que está inserido numa dada conjuntura histórica, económica, profissional educativa e, depende de um determinado tipo institucional de articulação entre o sistema educativo e o mundo do trabalho, o qual

poderá variar de uma sociedade para outra e, no interior da mesma ordem social, ao longo do tempo. O que nos possibilitou verificar que a inserção profissional se mostra bastante complexa, mesmo para os jovens que pertencem a mesma classe social.

2.7 Modelo de Análise

(Quivy e Campenhoudt1998:115), afirmam que o modelo de análise constitui um conjunto estruturado e coerente, composto por hipóteses e conceitos articulados entre si, de forma operacional, com marcos e pistas que são retirados da problemática para orientar o trabalho de observação e de análise. Assim sendo, para se compreender a operacionalização dos conceitos, o nosso modelo de análise será o seguinte:

Hipótese: os jovens qualificados da classe baixa vivenciam, interpretam a sua inserção profissional baseados na situação de precariedade.		
Conceitos	Dimensões	Indicadores
Qualificação	Educacional	Faixa etária, nível de qualificação
Inserção profissional	Económica	Pobreza, posição na estrutura social social
	Socio- cultural	Auto-estima, valor social

Capítulo III. Metodologia

Nesta etapa, fizemos a apresentação dos procedimentos metodológicos que foram seguidos até a elaboração da monografia. É nosso objectivo elucidar a abordagem, os procedimentos e as técnicas que usamos bem como fazer uma descrição das etapas por que passamos para a produção deste trabalho.

3.1 Etapas da Pesquisa

O nosso trabalho, foi realizado em dois momentos. O primeiro momento, foi no período de Junho a Setembro de 2015, que consistiu na elaboração da pesquisa exploratória, recolha e análise de informações, e revisão de literatura. É importante referir que houve muita dificuldade para ter acesso aos documentos que abordam sobre a inserção profissional em Moçambique, por estes não estarem disponíveis na biblioteca do Ministério, do Trabalho e da Juventude e Desportos e, os documentos lá disponíveis abordam sobre a inserção profissional, em outros contextos (não moçambicano). O segundo momento, foi de Agosto a Dezembro de 2016, que compreendeu a recolha de dados (trabalho de campo) no bairro de Infulene “D”, situado na Matola, Província de Maputo, tendo como entrevistados os jovens qualificados da classe baixa. Por último, fez-se a organização dos dados, a análise dos mesmos e a elaboração do relatório final.

3.2 Método de Abordagem

Na medida em que o trabalho de pesquisa visa compreender as percepções dos jovens qualificados da classe baixa ou popular em torno da sua inserção profissional no mercado de trabalho, o recurso à pesquisa qualitativa mostrou-se mais apropriado, pois, pressupõe uma compreensão dos significados, concepções e características situacionais apresentadas pelos indivíduos visados pela pesquisa (Richardson, 1999: 90-91). Portanto, a conjugação das abordagens qualitativa e quantitativa nesta pesquisa (com mais ênfase na dimensão qualitativa) justificou-se a partir do momento em que consideramos que o que ocorre entre estes dois aspectos é uma relação de complementaridade, que enriquece e amplia a compreensão dos dados.

3.3 Método de procedimento

Em termos de procedimentos metodológicos para enriquecer a posse de informação sobre o assunto pesquisado, recorreremos à pesquisa documental, por forma a termos acesso às fontes pertinentes documentadas, entre obras científicas, artigos, relatórios, que tratam da inserção profissional dos jovens no geral, e da classe baixa particularmente etc. De acordo com Silva, Almeida e Guindani (2009: 6), a pesquisa documental é um procedimento que consiste em métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos, portanto tem-se no documento o objecto fundamental de investigação. Esta pesquisa caracteriza-se pela busca de informações em documentos (quer científicos ou não científicos) como relatórios, artigos entre outras formas de divulgação de informação. Por forma a estabelecer a relação entre a classe social e a construção dos significados da inserção profissional fizemos uso do método biográfico ou história de vida, que se apresenta como opção e alternativa para fazer a medição entre as acções e a estrutura social, ou seja, entre a história individual e a história social (ferrarotti, 1988: 20).

3.4 Técnicas de recolha de dados

A técnica principal utilizada para recolha de dados durante o trabalho de campo foram as entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas semi-estruturadas, permitem balizar os dados que são relevantes para o estudo em questão e, simultaneamente ao valorizar a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo desse modo a investigação (Trivos, 1987: 146). Outra técnica que não descartamos durante a nossa pesquisa é a observação directa que nos permitiu ver tanto as expressões verbais, assim como não-verbais (faciais, gestuais, silêncios prolongados, corporais, etc.) dos nossos entrevistados, o que nos possibilitou ver como estes reagem quando abordados sobre a sua inserção profissional.

O universo estudado, diz respeito aos jovens qualificados da classe baixa e, serviu de amostra os jovens residentes no bairro Infulene “D”, na Província de Maputo. O grupo alvo foi composto por dez (10) jovens qualificados, dentre os quais cinco são do sexo feminino e, cinco do sexo masculino, e destes seleccionamos três que se mostraram mais a vontade para fazerem a narração da sua biografia ou história de vida.

Escolhemos jovens qualificados do bairro Infulene “D”, primeiro, por ser um dos bairros periféricos mais populosos da Província de Maputo e, por conseguinte ter um número considerável de jovens com maior dependência da renda familiar geralmente baixa, segundo, por acreditarmos que sendo jovens qualificados, tem um elevado grau de autonomia e consciência, o que lhes permite falar e justificar com alguma propriedade, sobre a vivência, percepção e significação da sua inserção profissional no mercado de trabalho.

3.5 Questões Éticas

Em termos éticos, observou-se o Termo de Consentimento Informado (TCI), em que antes da participação dos entrevistados houve uma explicação, e esclarecimento de quaisquer dúvidas sobre os objetivos do nosso trabalho. Na sequência mostramos igualmente a credencial como um elemento de identificação, o que deu maior credibilidade aos nossos entrevistados. Sendo assim, os jovens podiam decidir participar ou não do nosso estudo sem qualquer obrigação e desconfiança.

Os jovens entrevistados também tiveram a liberdade de escolherem se os seus nomes podiam constar no estudo de forma fictícia ou verdadeira. Mas todos os 10 jovens entrevistados pediram que os seus nomes não constassem nem de forma verdadeira, nem fictícia, daí que os chamamos por ordem de entrevista, tendo ficado Participante 1 (**P. 1**), Participante 2 (**P. 2**), Participante 3 (**P. 3**), assim por diante.

3.6 Limitações do Trabalho

Este trabalho teve como limitação a falta de financiamento monetários que iria permitir por um lado, a facilidade de deslocação de casa para o local onde decorreram as entrevistas com os jovens, concretamente no Infulene “D”, e por outro lado, permitiria o aumento do número dos jovens a entrevistar.

Estudar a inserção profissional é sempre um grande desafio, pois tanto para os homens, como as mulheres na grande maioria têm dificuldades de expressar seus sentimentos e experiências, certas dificuldades e resistências que nem sempre são facilmente superáveis. Por outro lado, alguns entrevistados levaram muito tempo para marcar o dia em que estivessem disponíveis a conceder a entrevista, mesmo tendo consentido o que requereu maior paciência da nossa parte.

Assim, durante a primeira aproximação a quando da explicação dos objectivos e métodos do estudo todos pareciam num primeiro momento concordar, achar interessante e importante, mas na hora de realizar as entrevistas a maioria dos homens que se haviam disposto a concedê-la parecia estar numa situação extremamente desconfortável, a avaliar pelas “fugas” e especialmente com os elementos não-verbais através dos gestos, olhar sempre para baixo, as posturas corporais, as expressões faciais, as variações nas entonações de voz, entre outros, que no nosso entender escondem significados que somente o investigador pode desvendar.

Entre tantas situações observamos que existiram diferentes momentos que identificamos percepções diversificadas tidas por parte dos entrevistados sobre a pesquisa. Cremos que muitos deles interpretaram as entrevistas como uma “oportunidade” como espaço oportuno para “desabafar” ou “descarregar” todos os seus sentimentos sobre o tema.

De uma forma geral, foi possível ultrapassar estas limitações, visto que conseguimos atingir os objectivos traçados no estudo, pois observamos que as construções sobre a inserção profissional são modelos resultantes de uma coerção social por parte da escola, da família e do meio social em que vivem os jovens da classe baixa ou pular.

Capítulo IV. Apresentação e Discussão dos Resultados

Neste espaço iremos apresentar a discussão dos resultados da nossa pesquisa de campo. De salientar que nos baseamos na combinação da revisão da literatura sobre o tema com os dados de campo, de modo a confrontarmos a manifestação do fenómeno em análise com a teoria. A análise assenta essencialmente sobre levantamentos feitos no âmbito da análise de comportamentos, atitudes e práticas dos jovens no contexto da sua inserção profissional.

4.1 Caracterização do local de estudo

O Bairro Municipal de Infulene “D”, situa-se no Posto Administrativo do mesmo nome, Faz fronteira com os bairros de T-3, Infulene A, Ndlavela e Patrice Lumumba. Não conseguimos apurar a densidade populacional actual do bairro, contudo, segundo os dados do censo 2007 era de 16.636 habitantes, de resto, um número que nos pareceu bastante longe da verdade, se olharmos para a procura de habitação e expansão urbana no município, na última década. Tem cerca de 165 mil habitantes distribuídos em três células e 48 quarteirões. Como a maioria dos bairros, a secretaria do bairro funciona nas mesmas instalações do Comitê do Partido Frelimo. De salientar que este bairro esta dentro do município da Matola, capital da província de Maputo.

4.2 Perfil Socio-demográfico dos Entrevistados

Os 10 jovens entrevistados são oriundos dos diferentes pontos do país, nomeadamente: província de Nampula, de Tete, da Zambézia, de Sofala, de Manica, Província de Maputo, Cidade de Maputo e por fim da província de Inhambane. Destes, 3 são técnicas médias e, 7 tem o nível superior. Destes jovens, 5 qualificaram-se em áreas sociais e, outros 5 em áreas técnicas. O estudo trabalhou com uma amostra de 10 jovens qualificados, onde 5 são mulheres e são 5 homens, com idades variando entre 21 e 26 anos. A maior parte dos entrevistados tinha 25 anos de idades, e pertencem a classe baixa, e vivem no bairro Infulene “D”. Como ilustrado na tabela abaixo:

Identidade Social dos Entrevistados

Número do Participante	Idade	Sexo	Naturalidade	Qualificação	Especificidade
P.1	22 anos	Feminino	Província de Maputo	Técnica	Secretariado
P. 2	21 anos	Feminino	Província de Maputo	Técnica	Secretariado
P. 3	21 anos	Feminino	Tete	Técnica	Bancária
P. 4	25 anos	Masculino	Sofala	Superior	Sociólogo
P. 5	25 anos	Masculino	Nampula	Superior	Sociólogo
P. 6	25 anos	Masculino	Manica	Superior	Eng. Agrónomo
P. 7	24 anos	Feminino	Cidade de Maputo	Superior	Socióloga
P. 8	25 anos	Feminino	Inhambane	Superior	Jurista
P. 9	25 anos	Masculino	Zambézia	Superior	Eng. Químico
P. 10	26 anos	Masculino	Inhambane	Superior	Contabilista

4.3 Significados da Inserção Profissional

Neste espaço, destacamos a relevância dos significados da inserção profissional para os jovens qualificados da classe baixa. Em nosso entender é necessário perceber como são formados os significados, fazendo com que os jovens se assemelhem ou se diferenciem de acordo com as características socialmente determinadas.

Sendo assim, procuramos investigar a influência da origem social dos jovens, bem como as expressões verbais e não-verbais, a fim de captar os significados da inserção profissional para os jovens, numa fase em que procuram ingressar no mercado de trabalho. Vejamos alguns depoimentos dos entrevistados:

Eu vou falar de mim mesmo, só de dizer que venho do “bairro” (expressão que refere a periferia), já é motivo de ser desprezado nas entrevistas. (P. 5: 26 anos).

Hmmm... actualmente, parece não existir uma relação entre o facto de ser qualificado e o mercado de trabalho, é por isso que ha duas possibilidades uma que é “bater mesa” ou as ditas “costas”, o que não é fácil. (P. 7: 24 anos).

Eu não vou mentir, aqui se você diz a verdade sobre onde vive, já começa ai mesmo a se “ferrar”, (quer dizer a ser excluído), porque eles olham para os que vivem numa “boa zona” (na cidade), e pensam logo que essa pessoa é civilizada, enquanto uma como eu que vivo no “Guetto” (significa periferia) pensam logo que não sei nada. (P. 8: 25 anos).

De acordo com Bourdieu (1989), podemos evidenciar dos depoimentos acima que ao receber valor pela inserção profissional no mercado de trabalho, em um mundo hierarquizado pelas distintas formas de capital, isso contribui para a identidade social do agente e determina sua posição no grupo ou classe social ao qual pertence. Dessa feita, o campo do trabalho, enquanto relações objetivas entre posições em disputa, é o lugar e o espaço de uma luta concorrencial. O que está em jogo, é o capital simbólico e o capital econômico, que não somente propiciam prestígio, poder e bens materiais, mas propiciam acima de tudo vantagens na admissão no mercado de trabalho, por esta razão é um campo de grande luta simbólica.

Ainda, com base nos nossos entrevistados, podemos notar que para ingressar no mercado de trabalho não basta ter uma formação profissional é necessário também pertencer a uma classe privilegiada ou (alta), visto que no entender dos jovens a classe é determinante para admissão nas instituições formais de trabalho, sendo assim os que são de uma classe alta tem maiores possibilidades de aceder ao emprego em relação aos da classe baixa. Dai que os nossos entrevistados responderam da seguinte forma:

Para ter um emprego é preciso ter nascido virado para a lua e, não para o sol. (P. 10: 26 anos).

Eu digo que quem é vizinho do rico é rico, e quem é vizinho do pobre é pobre, querendo com isso dizer que “eu pessoalmente” tenho colegas que se empregaram só por viver na cidade, enquanto “eu” só para ter informação de um concurso aqui nesse “fim de mundo” (expressão que designa onde se vive) é tão difícil, que as vezes nem chega. (P. 5: 25 anos).

Shiiii, as coisas aqui são para os que têm sangue azul (filhos dos ricos), e não vermelho (filhos dos pobres) (...risos). (P. 2: de 21 anos).

Podemos também, perceber que a inserção profissional no mercado de trabalho se reveste de capital importância para todos os jovens o que de alguma forma os torna semelhantes ou um grupo homogêneo, mas a que destacar a necessidade que (Pais, 1993), refere de romper com o facto de analisar a juventude sobre o âmbito de um grupo unitário ou homogêneo, visto que ainda que os jovens concebam da mesma forma a importância de se inserir no mercado de trabalho, estes não partilham dos mesmos sentimentos, das mesmas aspirações e realizações aquando da sua inserção no mercado de trabalho, facto este que os torna diferentes. Como podemos notar nas respostas dos nossos entrevistados:

Ter um trabalho, é muito importante, porque hoje em dia temos a igualdade de direitos, porque mesmo para mim que sou mulher para “eu” poder ter um marido tenho que trabalhar (...risos). (P. 7: 25 anos).

Para mim é importante ter um emprego para deixar de ser humilhado, e deixar de ser chado de nomes porque vivo na periferia. (P. 4: 25 anos).

Colocando os jovens como actores principais no processo da construção da sua inserção profissional, ficou evidente que os jovens qualificados da classe baixa ainda que pertençam ao mesmo grupo na estrutura social, almejam diferentes fins com a sua inserção. Ainda sobre este aspecto a (P. 3: 21 anos), afirmou o seguinte:

Bem, ter um trabalho para o jovem muda muitas coisas, porque aí o jovem passa a ter muita responsabilidade, na família, até nos amigos ele ganha mais respeito, em suma ter um jovem trabalhador é ter um pai em casa.

De acordo com os entrevistados, podemos concluir que a inserção profissional representa um misto de sentimentos, por um lado, é um grande desafio uma vez que enfrentasse muitas dificuldades para se inserir mesmo com qualificação profissional, neste jogo não somente conta a capacidade, como também é crucial a linhagem e a proveniência social do concorrente. A este respeito, leva vantagem o jovem que pertença a classe média ou alta em detrimento do jovem formado da classe baixa. Por outro lado, a inserção profissional significa uma grande conquista para os jovens da classe baixa porque não somente representa um ganho em termos de bens materiais, como também lhes possibilita uma nova forma de ser e estar a nível individual e colectivo, permitindo uma mudança positiva na estrutura social.

4.4 Representações Sociais da Mobilidade

Neste item, procuramos captar as representações da inserção profissional dos jovens qualificados da classe baixa em relação a mobilidade social. Por mobilidade social, entende-se toda alteração significativa positiva, ou negativa da situação económica, política e social dos indivíduos. Tornou-se assim, de suma importância pesquisar se esta seria no sentido vertical ou horizontal.

Segundo Bourdieu (1989), o título é, em si mesmo, uma instituição, assim como a língua. É uma marca distintiva legitimada pelo Estado e reconhecida socialmente. É por meio dos títulos que os agentes são percebidos, reconhecidos, respeitados e adquirem credibilidade. Sendo assim, pertencer a uma classe favorecida, estudar em uma grande escola, fazer um curso no exterior, falar línguas ou produzir artigos científicos são formas de agregar valor a si mesmo, obtendo capital simbólico para adquirir algum recurso, poder ou vantagem no mercado de trabalho e, desta forma poder passar de uma mobilidade horizontal, para uma mobilidade vertical. Como ilustrado no trecho abaixo:

Aqui, ultimamente, para você conseguir ter um emprego tem que ter costas, se o seu nome não consta daqueles que já são nomes conhecidos, torna-se muito difícil, para aqueles que os pais estão noutra nível é fácil, de tal forma que para outros é automático. (P. 4: 25 anos).

A educação, ao privilegiar os mais dotados de capital cultural e económico, beneficia os jovens das classes sociais mais favorecidas. São esses jovens que serão mais bem qualificados e ocuparão as posições mais importantes no mercado de trabalho, (Bourdieu, 1989). Ao contrário, os jovens das classes populares, por não possuírem o capital político, material e social, fracassam mais facilmente no mercado de trabalho. Desse modo a educação multiplica as desigualdades sociais e a manutenção das estruturas sociais.

Assim sendo, os jovens qualificados da classe baixa não sentem-se compensados, sobretudo “materialmente” após a sua qualificação, uma vez que a admissão no mercado de trabalho, no entender destes jovens, é em função da pertença do indivíduo a uma determinada classe social, sendo favorável para os que pertencem a classes sociais mais altas, facto que contribui para a perpetuação das desigualdades sociais, visto que os

jovens da classe baixa entendem que a inserção profissional é determinada pelo nascimento e linhagem social, pese embora os jovens da classe baixa tenham uma qualificação profissional. Como notamos nos trechos expostos abaixo:

Comparando o pobre e o rico, sem dúvida que faz sentido o ditado que diz filho de peixe, peixinho é, daí que para admitir numa empresa conta muito “o apelido, e a “hud” (quer dizer minha zona). (P.1: 22 anos).

Para mim, o rico leva vantagem no mercado de trabalho porque os pais têm “costas quentes”. (P.7: 24 anos).

Com base nos depoimentos acima, constata-se que a educação não é necessariamente um mecanismo de equalização e mobilidade social, ao contrário, é um mecanismo de conservação e reprodução das desigualdades sociais, de acordo com Bourdieu (1989). Nesse diapasão, os jovens qualificados da classe baixa ainda que competentes, porque não possuem um capital cultural e económico não encontram critérios legíveis para se inserirem no mercado de trabalho, em uma sociedade hierarquizada como é a nossa, fazendo com que o sistema de ensino constitua assim, um obstáculo à integração dos jovens no mercado de trabalho.

Ainda, segundo Bourdieu (1989), o sistema de ensino partiria do princípio, de que todos competiriam em condições iguais, e aqueles que se destacassem por seus dons individuais ou por seus esforços, por uma questão de justiça, seriam promovidos na vida escolar e, posteriormente, na vida profissional. Contudo, a formação escolar determina quais serão aqueles que ocuparão as melhores posições no mercado de trabalho na estrutura social. Como verificamos nas respostas abaixo:

Aqui por mais que te formes bem, o que conta no mercado é “quem tu és”, e “de onde vens”. (P. 4: 25 anos).

É verdade que ultimamente nas instituições para admitir não usam muito o critério do conhecimento, porque há pobres que sabem muito bem, são pessoas bem formadas, são pessoas competentes mas quando o pobre não tem dinheiro para pagar para lá estar, não é admitido. (P. 2: 21 anos).

Desta forma, percebemos que a educação encobre o fato de que as posições já estão determinadas a priori, serão ocupadas por aqueles jovens provenientes das famílias mais

privilegiadas, com um nível maior de capital econômico e capital cultural. Ela encobre esse facto pela ideologia do dom e do esforço individual. Facto que verificamos na nossa pesquisa, visto que mesmo que se destaquem ao nível do conhecimento, competência ou ainda por seus esforços individuais, os jovens qualificados provenientes da classe baixa, do ponto de vista da posição e hierarquia social tendem a reproduzir e perpetuar uma mobilidade horizontal, e não vertical que é a esperada após o investimento na educação no geral e, mais especificamente na formação profissional.

Assim, no geral quanto a mobilidade social, pode-se concluir que por não possuírem capital político, social e económico, os jovens da classe baixa não conseguem ingressar no mercado de trabalho e, conseqüentemente mudar as suas condições precárias devida. Assim, a qualificação para este grupo não tem retorno no investimento feito durante a formação, já que fazendo uso dela não conseguem passar de uma classe para outra na hierarquia social. Desta forma, os jovens da classe baixa perpetuam uma mobilidade horizontal, e não vertical ascendente que é a adequada. Sendo assim, mostra-se que a educação reproduz as desigualdades sociais e confirma a manutenção das estruturas sociais existentes e /ou dominantes.

4.5 Expectativas Sociais

Neste tópico, procuramos analisar as expectativas que os jovens qualificados da classe baixa ou popular tem da sua inserção profissional, isto é como estes prespectivam o seu futuro. Esta questão nos levou a refletir a respeito da afirmação feita por (Guimarães, 2005), em que nos chamados “30 anos gloriosos” a passagem da escola para o trabalho era efectuada de forma quase imediata para a maioria dos jovens. No sistema de ensino em vigor prevalecia a classificação das qualificações em estreita correspondência com os degraus escolares. O sistema produtivo estava conectado com o sistema de ensino, e tornava relativamente fácil a “transição pré- programada,” para o mercado de trabalho. Ora vejamos algumas respostas dos nossos entrevistados:

Hoje em dia a qualificação só tem uma utilidade prática no mercado de trabalho para os privilegiados ou os eleitos, nesse caso os que são bem-nascidos, enquanto para nós os danados não serve para nada, se não para ter um orgulho pessoal ou familiar. (P. 3: 25 anos).

Eu acho que a situação do jovem da classe baixa ainda é de trevas, não consigo prespectivar um bom futuro para o jovem porque precisamos mudar de mentalidade, falo de questões políticas. (P. 5: 25 anos).

De acordo com os parágrafos acima descritos, observamos que na nossa sociedade os indivíduos são inseridos em função da sua origem social ou nascimento, e não de acordo com suas capacidades e habilidades individuais, e, neste processo os jovens que pertencem a classe alta estão predestinados a alcançar o sucesso no mercado de trabalho, comparativamente aos jovens qualificados da classe baixa que encontram-se a prior desqualificados no processo de inserção profissional. Desta forma, podemos constatar que a inserção profissional no nosso contexto social, esta condicionada a importância tradicional da classe a que o jovem nasceu e não determinada pela qualificação, e sendo assim a inserção profissional passa a ser entendida como um fenómeno hereditário que passa de geração em geração dentro da classe dominante, por ser esta que detem o monopólio político, económico e social e, por conseguinte determinam oportunidades e estilos de vida na sociedade.

No campo, foi possível também constatar a tese de Bourdieu, segundo a qual a cultura transmitida pela escola seria uma cultura de classe. Ela não estaria fundamentada em nenhuma razão objetiva universal. A organização das disciplinas, os conteúdos, a organização do sistema escolar surgem como produto das relações de força, de uma determinada classe social. Do mesmo modo, os valores, preceitos, atitudes, comportamentos e conhecimentos apreendidos na escola acabam por ser por definição arbitrários. Como ficou evidente na entrevista abaixo:

A minha formação só pode contribuir no meu seio se existir abertura das elites governantes, porque eu preciso expressar aquilo que eu sei. (P. 6: 25 anos).

Bourdieu (1989), entendeu a cultura escolar como uma forma de violência simbólica, e, mais explicitamente, como dominação simbólica. Para ele, a escola é reprodutora dos valores, do imaginário e das condições sociais dominantes do sistema cultural. A escola é o principal meio pelo qual o sistema de domínio social se constitui, se mantém e se perpétua.

Em concordância com essa ideia para os jovens entrevistados se formar ou se qualificar não é per-si o garante de uma vaga no mercado de trabalho, neste jogo no entender dos

nossos entrevistados é crucial a classe ou origem social para aceder ao mercado de trabalho e, posteriormente ter um futuro melhor. Como ilustram os depoimentos abaixo:

Num país que as oportunidades são ocultadas com o nepotismo e a corrupção, é difícil falar de um futuro, só nos formamos para ter uma nova visão do mundo. (P. 10: 26 anos).

Para mim me qualificar é uma forma de não ficar atrás, e não para ter um emprego imediato já que sou um zé-ninguém. (P. 9: 25 anos).

Ainda na senda destas constatações verificamos que os nossos entrevistados têm semelhanças e diferenças que os tornam num grupo específico e, distinto de todos outros na estrutura social, como referiu, (Pais, 1993). Sendo assim, verificamos que para além de pertencerem ao mesmo grupo etário, os jovens da classe baixa partilham do mesmo sentimento de que conseguir um emprego formal sempre foi difícil, tendo ficado ainda mais complicado com o actual cenário de crise que assola o mundo no geral e, Moçambique particularmente. Como pode elucidam os trechos abaixo:

Eu nem sei o que vai ser de mim, ainda mais com essas dívidas do país. (P. 4: 25 anos)

Bem não sei, se antes da crise era difícil ter um emprego, agora com a crise é muito mais difícil. (P. 8: 25 anos).

No que respeita, as expectativas sociais, pode-se constatar que para os jovens da classe baixa, a inserção no mercado de trabalho é uma forma fundamental de sociabilidade, principalmente em um mundo moderno que se apresenta dinâmico e, não mais estático. Também ficou evidente que os jovens, tem em comum os mesmos sentimentos de incerteza quanto a sua inserção profissional, o que torna o seu futuro numa incógnita, uma vez que este está dependente da sorte e não das suas capacidades ou qualificações. Desta feita, para este grupo a qualificação acaba por ter somente um valor cultural e simbólico, que lhes permite dominar os códigos de um mundo globalizado, onde há um rápido movimento de valores culturais que ultrapassam as fronteiras.

Considerações Finais

O nosso estudo tinha como tema “ Significados da Inserção Profissional para os Jovens”, onde objectivamos compreender, numa perspectiva sociológica a inserção profissional dos jovens qualificados da classe baixa, sendo exemplo o bairro Infulene “D”. Assim procuramos identificar os significados, analisar as expectativas em torno da inserção profissional e captar as representações sociais da mobilidade, como um processo que ocorre na vivência dessa fase de vida, em que procuram ingressar no mercado de trabalho. Desse modo, a nossa inquietação recaiu na percepção do modo como os jovens qualificados da classe baixa constroem e interpretam a sua inserção profissional.

A partir dos resultados deste estudo, pode se concluir que os significados da inserção profissional para os jovens qualificados da classe baixa, estruturam-se em torno de cognições ligadas a condição de precariedade que vivem e se sentem. Sendo assim, verifica-se que não existe uma relação linear entre a qualificação e /ou formação profissional e a inserção no mercado de trabalho.

Em termos teóricos, a investigação enveredou pela triangulação da teoria de campos sociais de Bourdieu (1989) e a interpretativa de Pais, (1993), já que forneceram o suporte analítico capaz de interpretar as percepções e os comportamentos observados por aqueles que directa ou indirectamente estão envolvidos, entendendo a inserção profissional como um fenómeno social que engloba vários actores sociais que estão a buscar novas experiências, a procura de melhores condições de vida.

Em termos metodológicos, fez-se basicamente uma análise qualitativa, para compreender, de forma minuciosa, os significados e situações descritas pelos entrevistados, e usou-se a quantitativa para facilitar tanto na colecta da informação, assim como no tratamento da mesma por meios de técnicas estatísticas dos dados, para depois aplicar-se o método hipotético dedutivo, na medida em que definimos hipóteses testáveis empiricamente.

A análise do material discursivo permitiu obter informações acerca do conteúdo da representação social da inserção profissional. Dessa forma, confirmamos a primeira hipótese, em que avançamos que os jovens constroem a sua inserção profissional

baseados na situação de precariedade em que vivem e sentem. Tendo observado que nas sociedades modernas ter um emprego é importante para se preservar o respeito a si próprio, mesmo quando as condições de trabalho são reactivamente desagradáveis e as tarefas a realizar monótonas. Nessa ordem de ideias, o trabalho é habitualmente valorizado pelo sentido de autoestima que oferece, bem como, porque aumenta a confiança dos jovens no seu valor social, deste modo a construção da inserção social perpassa a dimensão económica, e passa a ser um fenómeno crucial para a integração social, daí que converte-se num facto social, já que é sentido de forma geral, exterior e coercivo no universo juvenil qualificado da classe baixa.

No tocante aos significados, concluiu-se que a inserção profissional representa um misto de sentimentos, por um lado, representa um grande desafio, uma vez que para o efeito enfrentam muitas dificuldades, neste jogo não somente conta a qualificação, como também é fundamental a linhagem e a proveniência social do concorrente. Por outro lado, a inserção profissional significa uma grande conquista para este grupo, porque não somente proporciona bens materiais, como também lhes possibilita uma nova forma de ser e estar a nível individual e colectivo, permitindo uma mudança positiva na estrutura social.

Quanto a mobilidade social, concluiu-se que por não possuírem capital político, social e económico, os jovens da classe baixa não conseguem ingressar no mercado de trabalho e, conseqüentemente mudar as suas condições precárias de vida. Desta forma, os jovens da classe baixa perpetuam uma mobilidade horizontal, e não vertical que é a adequada, sendo assim, mostrasse que a educação reproduz as desigualdades sociais e confirma a manutenção das estruturas sociais dominantes.

No que respeita, as expectativas sociais, concluímos que para os jovens da classe baixa, a inserção profissional é uma forma fundamental de sociabilidade em um mundo moderno que se apresenta dinâmico e, não mais estático. Verificamos que o nosso grupo alvo partilha a mesma faixa etária, assim como a mesma posição na estrutura social (classe baixa). Também ficou evidente que os jovens, tem em comum a incerteza quanto a sua inserção profissional, o que torna o seu futuro numa incógnita. Desta feita, para este grupo a qualificação acaba por ter somente um valor cultural e simbólico, que lhes permite dominar os códigos de um mundo globalizado, onde há um rápido movimento de valores culturais que ultrapassam as fronteiras.

Referências Bibliográficas

ALVES, Mariana Gaio. “A inserção profissional de diplomados do ensino superior numa perspectiva educativa”. Lisboa: Cedefop. 2003.

ALVES, Mariana Gaio. “A inserção profissional de diplomados do ensino superior numa perspectiva educativa: O Caso da Faculdade de Ciências e Tecnologia”. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação-Especialidade de Educação e Desenvolvimento) Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa. 2003.

ALVES, Mariana Gaio. “Como se entrelaçam a educação e o emprego? Contributos da investigação sobre licenciados, Mestres e doutores, Interações” N.º 1, Lisboa, Cedefop. 2005.

ANDRADE, Maria. “A Transição Escola- Trabalho em Cabo Verde: os sentidos da qualificação, para os jovens de baixa renda”, São Paulo, Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação /USP. 2010.

BORDIEU, Pierre. “A reprodução”. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1992.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

Correio da Matola. Disponível em: <<http://www.correiodamatola.co.mz>>. Acessado em: 6 de Janeiro. 2017.

CORROCHANO, Maria Carla. “Jovens Olhares sobre o Trabalho: um estudo dos jovens operários de São Bernardo do Campo”. São Paulo, Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação/USP. 2001.

CORROCHANO, Maria Carla. “O Trabalho e a sua Ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo”. São Paulo, Tese (Doutoramento e Educação), Faculdade de Educação/USP. 2008.

DEILUZ, Neise. “Qualificação Profissional, Trabalho e formação”. 2011.

Diálogo Nacional Sobre Emprego Em Moçambique “Criação De Emprego Num Novo Contexto Económico”. Maputo-Moçambique. 2014.

- FERRAROTTI, Franco. “Sobre a autonomia do método biográfico”. In Nóvoa. 1988.
- FERREIRA, Pedro. “Comportamentos de Riscos dos Jovens”. In: PAIS, Jose Machado; CABRAL, Manuel V. *Conduitas de Risco: práticas culturais perante o corpo*. Oeiras: Celta Editora. 2003.
- GIDDENS, Anthony. “Sociologia” 6^a Edição. 2008.
- GUIMARÃES, Nadya A. Et al. “Desemprego: aspecto institucional e biográfico: uma comparação Brasil- França- Japão”. São Paulo. USP, CEM. 2003.
- GUIMARÃES, Nayda A. “Trabalho: uma categoria – chave no imaginário juvenil?” In: ABRAMO, HELENA, BRANCO, Pedro Paulo (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo. 2005.
- Instituto Nacional de Estatística. “Moçambique em números”. 2015.
- KOBER, Cláudia M. “Qualificação E Competência Profissional: Além Do Ambiente Escolar”. 2010.
- MANNHEIM, Karl. “O problema da Juventude na Sociedade Moderno”. In: *Sociologia da Juventude*. RJ, Zahar, vol. I. 1968.
- MARTUCELLI, Danilo. “Câmbio de Rumbo: a sociedade a escola do individuo”. 1^a Edição. Santiago. 2007.
- Ministério da Juventude e Desportos: *Política da Juventude, Decreto Presidencial n.º 3/92, de 26 de Junho*. 2000.
- Organização dos Trabalhadores de Moçambique (OTM). *Dinâmica Actual do Mercado de Trabalho e Desafios do Movimento Sindical em Moçambique*”. 2013.
- PAIS, José. “Culturas Juvenis”. Lisboa: Imprensa Nacional. 1993.
- PERALVA, Angelina. *Jovem como Modelo cultural*. In: FAVERELO, Osmar; SPOSITO, Marília; CARRANO, Paulo (orgs). “Juventude e Contemporaneidade”. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED. 2007.
- RICHARDSON, Roberto J. “Pesquisa Social: Métodos e Técnicas”. 3^a Edição, Editora Atlas, São Paulo. 1989.

SPOSITO, Marília P. “O estado da Arte Sobre Juventude na Pós-graduação Brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006) ”, vol I, II. Belo Horizonte, MG. 2009.

Anexos

Anexo I

1.1 Guião de Entrevistas

Apresentação

Esta pesquisa tem por objectivo Compreender o modo como os jovens qualificados da classe baixa vivenciam e interpretam a sua inserção profissional no bairro Infulene “D”. Assim considerando que este processo ocorre na vivência dessa fase de vida em que buscam ingressar no mercado de trabalho, queira por favor responder as seguintes questões que abaixo se seguem.

1.2 Dados do Entrevistador

Entrevista nº _____

Data _____ / _____ / 2016

Hora _____ / _____

1.3 Dados do Entrevistado

1. Numero do Participante
2. Naturalidade
3. Idade do entrevistado/a
4. Sexo do entrevistado: Masc.....Femin.....
5. Qualificação..... em.....

Nota: Entrevista semi-estruturada para ambos jovens (mulheres e homens)

1.4 Questões sobre a percepção da inserção profissional dos jovens qualificados da classe baixa.

1.4.1 Identificar os significados da inserção profissional.

Porque decidiu fazer uma formação profissional?

O que é ter um emprego formal para você?

Acha importante se inserir no mercado de trabalho? Si ____ ou Não ____ . Justifique a sua opção.

1.4.2 Captar as representações da mobilidade social.

O que entende por mobilidade?

Que relação faz entre o seu diploma profissional e a possibilidade de inserção no mercado de trabalho?

Acha que tem alguma interferência a origem social para o ingresso no mercado de trabalho? Sim ____ ou Não ____ . Em que medida?

Como avalia os critérios usados para a admissão nas instituições formais do mercado?

1.4.3 Analisar as expectativas da inserção profissional.

Como olhas para a sua inserção no mercado tendo em conta a realidade em que estas inserido?

Tem alguma expectativa do futuro? Sim ____ ou Não ____ . Porque?

O que espera alcançar a curto, médio e longo prazo com a sua qualificação?

Que futuro perspectiva como jovem, tendo em atenção que esta a procura de se ingressar no mercado?

Anexo II

Modelo do Termo de Consentimento Informado para participação na pesquisa

Título da Pesquisa**Significados da Inserção Profissional para os Jovens Qualificados**

Pesquisador: Rosta Carlos Nhampalela

Supervisor: Dr. João Carlos Colaço

Instituição: Universidade Eduardo Mondlane – Maputo

Objectivo da Pesquisa: Investigar como os jovens qualificados da classe baixa estudantes percebem a sua inserção profissional, no bairro Infulene “D”.

Descrição do Procedimento: Será realizada entrevista individual sobre aspectos que caracterizam o mercado de trabalho. Serão obedecidos os critérios éticos estabelecidos pela legislação que regulamenta a pesquisa com seres humanos. As entrevistas seguirão técnica cientificamente reconhecida e serão realizadas em ambientes acordados com os participantes. As entrevistas serão registradas com um gravador e transcritas, e as informações colectadas poderão ser utilizadas para fins exclusivamente científicos como apresentação dos resultados e publicações científicas, assegurando-se sempre o anonimato dos participantes. O participante poderá interromper ou desistir de sua participação em qualquer fase da pesquisa. Informações suplementares e esclarecimentos serão fornecidos a qualquer momento aos participantes pelo pesquisador.

Benefícios: O conhecimento de aspectos que possam ser/estar relacionados com as desigualdades dentro de relacionamentos entre os jovens, o que pode contribuir positivamente no aprimoramento de programas de intervenção e, ainda, abrir novas possibilidades para discussões e estudos sobre essa temática.

Estando de acordo, assine o presente termo de consentimento em 2 (duas) vias.

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Maputo, aos 22 de Setembro de 2016

KANIMAMBO